



“Né” e “eu acho que”: operadores argumentativos do texto falado

Lucienne C. Espíndola

UFPB

Introdução

Este trabalho objetiva apresentar uma teoria semântico-pragmática de interpretação de enunciados ou do sentido dos enunciados - a Teoria da Argumentação, desenvolvida por Anscombe e Ducrot, nos últimos anos.

A tese que norteia essa teoria é a de que os valores argumentativos estão presentes, na estrutura profunda da significação, que fazem da linguagem uma realidade fundamentalmente argumentativa.

Aplicou-se o referido aparato teórico a um corpus constituído de entrevistas sociolinguísticas¹, com o objetivo de investigar as funções textuais-interativas dos marcadores “né” e “eu acho que”, evidenciando entre estas as argumentativas.

1. A Teoria da Argumentação

A Teoria da Argumentação, desenvolvida por Anscombe e Ducrot desde 1983, é denominada, em sua versão mais recente, de Teoria dos Topoi. Essa teoria insere-se no grupo das correntes que rejeitam a concepção de língua como conjunto de estruturas e regras independentes de toda enunciação e contexto.

Como a argumentação passa a estar inscrita na língua, e portanto

¹ O corpus utilizado é constituído de oito entrevistas sociolinguísticas (com duração média de uma hora cada), com integrantes do Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba - VALPB. As oito entrevistas foram feitas com informantes com idade entre vinte e seis e quarenta e nove anos, sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino.

nas frases, a tese geral da teoria é de que “(...) a significação da frase contém, em si mesma, instruções que toleram uma série de constrições” (Anscombe-Ducrot, 1994:18).

Para falar dessa teoria semântica que trabalha com o sentido dos enunciados, faz-se necessário introduzir conceitos como frase/significação, enunciado/sentido e enunciação.

Para Anscombe e Ducrot (1994 e 1995a), a *língua* é um conjunto de frases que servem para construir discursos e o *discurso* é o encadeamento de enunciados - definição lingüística. A *frase*, por ser uma entidade teórica, pode traduzir a infinidade de enunciados. Por outro lado, o *enunciado* é uma das ocorrências da frase - é a manifestação, “na superfície”, da estrutura profunda que é a frase. Se a frase é uma entidade teórica, por extensão, a *significação* também será, uma vez que esta é o valor semântico da frase, consistindo em um conjunto de instruções diretivas que permitem interpretar os enunciados daquela. Em outras palavras, a significação de uma frase, na perspectiva dos topoï, passa a ser o conjunto de “topoï” cuja aplicação a frase autoriza no momento em que é enunciada. (Anscombe-Ducrot, 1994:207)

Para Ducrot, o sentido de um enunciado é dado pela descrição que faz da sua *enunciação*. Considerando a oposição processo/produto, a enunciação representa o processo, enquanto o enunciado, o produto deste.

Para exemplificar, veja-se a frase.

(1) Faz bom tempo.

A enunciação dessa frase - em um espaço X, em um tempo X, por um sujeito X, em condições X - fará surgir o enunciado que indicará todos esses outros dados que não se encontram na frase. O enunciado também, por outro lado, carrega certos atos de fala: constatação, conselho, ameaça etc. Isso tampouco está inscrito na significação da frase, mas resulta da enunciação dela: efeitos de sentido.

Porém, de acordo com Anscombe e Ducrot, no valor semântico profundo (significação) de certas palavras, expressões e enunciados, há indicações que não são de natureza informativa, são argumentativas, as quais precisam ser consideradas quando da interpretação de enunciados.

Essas indicações serão fornecidas por princípios gerais- os

“topoi”. Dir-se-á que o encadeamento discursivo de um segmento-argumento a um segmento-conclusão será feito pela aplicação de tais princípios. Por extensão, a significação de uma *frase* será o conjunto dos “topoi” cuja aplicação a frase autoriza no momento em que é enunciada.

Ducrot e Anscombe definem os “topoi” (termo grego utilizado na Retórica) - como princípios gerais que servem de ponto de articulação entre a língua e o discurso.

Adotar essa concepção de discurso argumentativo implica, portanto, que se veja na própria língua - no nível da frase - instruções relativas aos “topoi” que serão utilizados no momento da enunciação. O topos seria o ponto de articulação entre a língua e o discurso argumentativo. Além do mais, pesquisas recentes dão conta de que os “topoi” não se encontram só no nível dos encadeamentos, mas também no nível lexical, fundamentando o sentido das palavras.

No exemplo fornecido por Anscombe(1995a:40)

- 2) Pedro é um ingrato: eu fiz um favor a ele, ele nem mesmo agradeceu.

constata-se que o topos utilizado ‘*quando alguém faz um favor a outrem, merece reconhecimento*’ está fundamentado na noção de gratidão, mostrando, assim, que os “topoi” podem estar nas palavras, como é o caso de ‘*gratidão*’. Ducrot e seus colaboradores postulam que nem sempre há um encadeamento do tipo argumento + conclusão. Algumas vezes, os encadeamentos discursivos são do tipo em que Q constitui uma explicitação de P na relação (P,Q). Tal posição advém de uma das hipóteses básicas da Teoria dos “Topoi”: “ (...) que sob as palavras, não há objetos do mundo, mas outras palavras (Anscombe, 1995a:65).

Com a introdução da noção de “topoi” *intrínsecos*, na Teoria da Argumentação na Língua, as palavras de conteúdo lexical passaram a ser concebidas como sendo potencialmente argumentativas. Ou seja, a significação das palavras passou a ser constituída por “topoi”.

Assim, aplicar os “topoi” intrínsecos à palavra *trabalho*, mais fortemente a uma atividade A de que a uma atividade B, leva a considerar A como sendo ‘mais’ trabalho do que B. Da mesma forma posso dizer que *uma família* é mais *família* do que outra, na medida em que admito

que há *família unida* e *família desunida*, utilizando-me dos modificadores ‘unida’ e ‘desunida’, respectivamente realizante(MR) e derrealizante(MD). Ducrot(1995b) pretende provar que as palavras têm, de acordo com sua semântica própria, graus diferentes de aplicabilidade. (p.146)

Segundo o mesmo autor, não são todas as palavras potencialmente argumentativas, somente aquelas de conteúdo lexical. Essas palavras foram distribuídas em dois grupos: os predicados (nomes e verbos) e os modificadores (adjetivos e advérbios). Estes são concebidos como as palavras que determinam (modificam) os verbos e os nomes. Na teoria dos “topoi”, os modificadores determinarão a força com que se aplicará um topos.

Nessa fase (recente), a argumentação passa a ser descrita em nível de enunciadores apresentados no enunciado, e não mais em nível de enunciados. Agora o enunciador (E) é o argumentador. Conseqüentemente, a polifonia - necessária para identificar os enunciadores colocados em cena pelo locutor - pode ser definida como o confronto de “topoi”, em que se nega ou se aceita um dos topos, identificando-se com aquele cuja conclusão esteja nele calcada. Lembro que, no caso da ironia, não se toma partido em relação aos “topoi” apresentados.

A partir dessas considerações, observemos os dois exemplos

3) Pedro é rico: ele pode (portanto) ter tudo o que quiser.

4) Pedro é rico: ele é, portanto, avaro.

Os “topoi” são descritos a partir de três características: são *comuns*, *gerais* e *graduais*.

São considerados *comuns*, por serem apresentados como sendo de consenso a certa comunidade da qual, ao menos, fazem parte locutor e alocutário, de modo que esse princípio preexiste ao momento enunciativo.

Os “topoi” são considerados *gerais* por serem válidos não somente na situação particular daquele discurso, mas em diferentes situações. Essa característica está diretamente relacionada à primeira, pois ao afirmar, em dado momento,

5) *Faz bom tempo. Vamos à praia.*

pretende-se estar usando o topos '*o bom tempo torna a praia agradável*' que revela, naquela comunidade, ser um ponto de vista consensual, válido para outras situações discursivas.

Na versão recente da Teoria dos "Topoi", a gradualidade passa a ser concebida não mais como estando no topos - ao menos não necessariamente - mas na força de aplicação desse topos. (Anscombe, 1995a:82)

Cada topos pode ser atualizado através de duas formas tópicas não equivalentes do ponto de vista lógico e conversas do ponto de vista argumentativo:

- T1 - FT1 [+P, +Q]
 FT2 [-P, +Q]
T2 - FT1 [+P, -Q]
 FT2 [-P, +Q]

Por exemplo, no corpus analisado, um topos bastante freqüente no discurso dos entrevistados foi "*o estudo leva ao sucesso*", atualizado sob duas formas tópicas:

- FT1 [quanto mais estudo, mais sucesso]
FT2 [quanto menos estudo, menos sucesso]

(07.AL.U.M.58-9)

E* Você acha o estudo algo importante?

I* Fundamental o estudo, né?

* Eu acho- sem estudo agente já- as coisas aqui são mais difíceis né?
Principalmente aqui no Brasil.

Topos - *né1* e *né2*: '*o estudo leva ao sucesso*'.

FT1 [quanto mais estudo, mais sucesso]

(04.JS.N.M.95)

E* Você trabalha em quê?

I* [Eu trabalho]- eu trabalho na Enlur tomo conta d'um pessoal na rua e

já [faz]- faz cinco anos qu'eu trabalho no campo, com o povo na rua. (hes) limpando rua. Então isso, eu já consegui através de amigo meu que conseguiu pra mim, né? Tomar conta [d'um]- d'um bocado de gente na rua. Porque se fosse pra mim conseguir- fosse estudo, eu num conseguiria. Porque ía precisar de estudo, fazer curso e lá vái. Então eu num tinha chance nenhuma de arrumar esse emprego.

Topos: *'o não estudo leva ao fracasso*

FT2 [quanto menos estudo, menos sucesso]

O topos 2 "*o estudo não leva ao sucesso*" (não encontrado no corpus), denominado contraditório, também é possível ser convocado, em muitas situações, para alicerçar determinados discursos, através de uma das duas formas tópicas:

FT1 [quanto mais estudo, menos sucesso]

FT2 [quanto menos estudo, mais sucesso]

De acordo com a Teoria dos Topoi, enquanto não se descobre o topos, não se pode entender o que o argumentador pretende. A aplicação de uma ou outra forma tópica constitui e depende, ao mesmo tempo, da apreensão argumentativa da situação, que é a função discursiva por excelência.

Como declara Ducrot (1995a)

(...) não se pode discorrer sobre um estado de coisas sem aplicar-lhe FTs. (...) penso que ela ("a apreensão argumentativa") se realiza em geral logo que se formula o menor enunciado a propósito de uma situação qualquer: há no sentido mesmo desse enunciado (gostaria de dizer que há antes de tudo) indicações sobre as FTs aplicáveis a essa situação. (p.89)

Além dos predicados e dos modificadores (estes últimos denominados operadores argumentativos, pela teoria padrão), convém destacar a importância dos conectores argumentativos que, além de permitirem articular fragmentos discursivos, indicam a orientação argumentativa objetivada pelo locutor. Na versão mais recente da teoria,

tal orientação é indicada pelos “topoi” (pontos de vista) colocados em cena. Essas partículas (conectivos argumentativos), desprovidos de conteúdo lexical, funcionam como indicadores de “topoi”; ou seja, indicam qual o topos (qual forma tópica) que pode ser atualizado naquele contexto e com que força argumentativa essa FT deve ser atualizada.

Resumindo, no decorrer das pesquisas, Anscombre-Ducrot mostram que a língua é essencialmente argumentativa - do léxico ao texto. E, para indicar a orientação argumentativa intencionada pelo locutor em uma determinada interação lingüística, a língua dispõe dos operadores argumentativos, os quais indicam a orientação argumentativa (topos alicerce da argumentação) e a força com que esse topos deve ser atualizado. Em outras palavras, os operadores argumentativos, na Teoria dos “Topoi”, têm por função especificar o tipo de utilização que se deve fazer dos “topoi”- “topoi” diretos, conversos ou ambos - e determinar a força argumentativa do enunciado.

2. *Discussão dos Resultados*

“NÉ”

O marcador “né”, nas entrevistas, além das funções textuais-interativas também funcionou como indicador de topoi, passando a fazer parte do rol das partículas que organizam o discurso argumentativo. Ele deixa de ser apenas um elemento estruturador do discurso falado, ou um elemento utilizado pelo informante para solicitar o apoio do interlocutor.

Constatei que o “né” assume a função de indicador de um topos - um princípio geral partilhado por, pelo menos, locutor e alocutário. Nessa função, o “né” não deixa de funcionar como um RAD (requisito de apoio discursivo), ele vai acumular as duas funções, pois quando esse marcador coloca em cena um determinado topos, ao mesmo tempo, solicita a aprovação do alocutário e atualiza um determinado topos.

Quando o informante (L2) utiliza o conectivo “né” - em função de indicador de topos - este indica que ponto de vista deve ser atualizado em seu discurso. Na maioria das vezes, os “topoi” são atualizados através de pontos de vista já cristalizados em nossa sociedade; pontos de vista que traduzem valores sociais, religiosos, políticos além de valores

oriundos da sabedoria popular. O “né” indica o ponto de vista em relação a determinado assunto que o locutor quer ver atualizado em seu discurso, em defesa de determinada posição, ou seja, argumentativamente.

Aplicando as características atribuídas a um topos aos pontos de vista atualizados pelo uso do “né”, nesta pesquisa, observa-se que tais posições traduzem/representam, geralmente, princípios comuns para a comunidade da qual fazem parte locutor-alocutário ou, pelo menos, para uma parte dessa comunidade. Tal afirmação pode ser comprovada, observando as seqüências que contêm “topoi”.

A essa característica - serem comuns a um determinado grupo - alia-se uma segunda - os “topoi” são gerais . Ou seja, os “topoi” atualizados nas seqüências evidenciadas não são válidos apenas para a situação específica da entrevista. Sempre que os mesmos temas forem abordados, esses mesmos “topoi” poderão ser atualizados, dependendo dos objetivos dos participantes da interação. O uso desses “topoi” é extensivo a outras situações, a outros grupos. Por exemplo, o topos ‘*o estudo leva ao sucesso*’ pode ser utilizado em uma situação familiar, profissional, ou de descontração.

As seqüências abaixo exemplificam a utilização do “né”, indicando que o locutor trouxe para o discurso um topos que servirá para alicerçar suas posições.

(05.JNA.U.F.182)

E* Ii, si você ganhassi na loteria, você ajudaria quem , primeramenti?
I* Primeiramenti?— Agora você mi pegô di suhpresa, em? A principiu, eu achu qui é [uma] u-u-uma situaçãu naturaw di quawque# ser’umanu procura# ajuda# a família, né? I depois...é...nada impedi qui ajudi, também, as pessoas qui mais pricisam /.../

Topos: ‘*a família é um valor fundamental*’.

(03.JM.N.M.29)

E* Você trabalharia numa profissão qui não goxtasse só por <caha>- do di-êro?

I* Eu (gaguejo) [rapayz]- rapayz, eu trabalharia. *(inint) acho (inint) [qui]- qui eu nu- goxtasse da profissão, né? *[E ga~asse]- e ga~asse muito di-êro, esse eu trabalharia porque eu acho- aí é qui tá: acho (inint)

[o bom]- o bom é ga~a® di~êro.

Topos: *'mais poder aquisitivo, mais poder de ação'*.

(07.AL.U.M.239-247)

E* Se você tivesse que escolher outro curso, qual escolheria?

I* É engenharia mecânica, qu'eu terminei técnico mecânico na escola técnica. Só que [pela]- pela- é mesmo pela necessidade, né? Porque engenharia mecânica é um curso diurno. Então, pela família da gente. Até mesmo a minha, né? Uma família pobre então tu tem que ajudar, tem até mesmo- me levantar, né? Então, ou é administração qu'eu gosto muito ou contabilidade qu'eu num gosto, e economia. Aconteci que eu escolhi economia, e pretendo terminar. Caso- tomara qui num aconteça nada, né? Porque ninguém sabe o destino, ninguém sabe o futuro.

“Topoi” - né1 : *'mais poder aquisitivo, maior o leque de escolhas'*

né2 e né3: *'a família é um valor fundamental'*

(08.RVA.U.M.9)

E* Comu você vê u extudu di oji?

I* U ixtudu di oji, u níwew mesmu tá muito baxu, né? Coleju ixtaduaw (hes) nu~ tá sihvi~du, muito maw tem aulas i só us pahicularis, qui'agenti vêu níwew laycima, né? U rextanti tá muito baxu.

Topos: *'o poder aquisitivo leva ao sucesso'*

(02.SMS.N.F.329)

E* Como você acha que a fome pode acabá?

I* E depende do Prsidente, né? que se o prsidente- quisesse isso já ti~a acabado/.../

Topos *'quanto mais forte, mais poder de fazer algo'*.

(02.SMS.N.F.568)

E* Se você pudesse o que mudaria no mundo?

I* Ah! mudaria muita coisa, mudaria muita coisa mehmo s'eu pudesse,

[may0] com'eu nu~ posso fica onde tá mehmo, na violença qui tá, né?
Puque- [may0] iss' é da vida/...

Topos: '*quanto menos forte, menos poder de fazer algo*'.

"EU ACHO QUE"

Um texto, cujo ponto de vista seja introduzido pela expressão "*eu acho que*", automaticamente, é rotulado como sendo pessoal, subjetivo. A partir do momento em que a unicidade do sujeito é questionada, por extensão, também será questionada a unicidade do texto, mesmo aquele com marcas lingüísticas de primeira pessoa.

Quando, em enunciados introduzidos por (eu) "*acho*" (que), identifica-se um princípio comum, geral e gradual, ter-se-á um enunciado polifônico. Nesses casos, ter-se-á uma opinião atualizada, através de um enunciador genérico (E1), colocada em cena pelo L2, para, na maioria das vezes, com ela concordar, e, em poucas situações, para refutá-la (no caso das entrevistas). No primeiro caso, a colocação dessa opinião geral vem alicerçar e dar credibilidade ao ponto de vista, aparentemente pessoal, do L2.

Nas entrevistas, essa falsa unicidade fica demonstrada, uma vez que analiso todas as ocorrências em que figura o referido marcador e pude constatar que, em grande parte dessas ocorrências, o "*eu acho que*" introduz um ponto de vista (princípio) que é comum, geral, gradual e, algumas vezes, de consenso, em nossa sociedade, utilizado em um posicionamento sobre um tema/fato/evento/pessoa. De certa forma, é uma argumentação muito mais convincente, pois traz para o discurso pontos de vista que traduzem determinados princípios nortecedores de grupos. Ressalte-se que há casos em que o L2 utiliza um ponto de vista contrário ao do senso comum. Na maioria das vezes, o topos concordante é o que traduz os princípios mais comuns de determinada sociedade, ou seja, é o mais esperado.

Como já observei com o conectivo "*né*", "*eu acho que*" introduz pontos de vista ("topoi") de natureza diversa, seja para com eles o locutor concordar, seja para refutá-los.

(01.IMS.N.F.568)

E*U qui você pensa sobri a vio'lencia nu mundu di oji?

I*U qui'eu pensu olhi, eu pensu mîtu nissu aí, sabi,pensu mîtu, i eu pensu qui si Deus num tive# paixão di noyz, ahenti num vai ispe'ra# uma me'lhora não, si não tive# compaixão minha filha, a vio'lença *achu* qui não vai acaba# nunca/.../

Topos: '*a falta de amor leva à violência*'.

FT: [quanto menos amor, mais violência]

(03.JM.N.M.20)

E* [Como é o seu dia]- como é o seu dia-a-dia lá no trabalho?

I* Rapayz, o meu sirviço é muito pesado, sabe, (inint) carrega muita pedra./.../ *Ahente não, ahente qui é burro, nu~ ga~a nada- *Ayφ <vey>- eu *acho* muito diferende, [pois]- pois [a gente]- a gente qui não ex̃tuda, nu~ tem iχ̃tudo bom [ahente]- agente isforça muido.

Topos: '*quanto menos estudo, mais pesado o trabalho*'.

(03.JM.N.M.86)

E* Quaw a importância do esporte para o omem, na sua opinião?

I* <Rapayz>, *acho* a importância qui ele- é- ahente cuida do lseul corpo, [ga~a]- ga~a também muido di~êro- e (gaguejo) faze® várioh negóçoφ qui eles goχ̃ta, sei lá, um monte- negóço.

Topos: '*o esporte leva à saúde*'.

FT: [quanto mais esporte, mais saúde].

(04.JS.N.M.417-421)

E* Porque sua mãe não queria o casamento

I* Porque lela acharial qu'esse casamento um dia num ía dar certo. * Então eu *acho* qu'ela tinha razão mesmo. * Num deu certo de jeito nenhum. * [As vezes]- as vezes a mãe sente né? Que um filho vai si dar bem. * Quando num vaidar certo a mãe sente. * Ela [num]- num diz <na-> sente no coração e deiz. * Então realmente, se agente for pensar direito é verdade. * Tudo qui uma mãe falar, e o filho escutar, eu *acho* que no fim ele num vai se arrenpeder não. * Ela tá certa- porque sena época eu

tivesse tomado os conselhos dela/.../

Topos: *'quanto mais idade, mais experiência'*.

Os "topoi" evidenciados são introduzidos pelo "eu acho que" no discurso do informante (L2), mas, na verdade, não são posições pessoais e sim princípios que norteiam muitas atitudes e ações do homem em nossa sociedade, tornando o argumento bastante aceitável, por estar baseado em uma 'verdade' consensual.

3. Considerações finais

Os operadores aqui investigados representam uma parcela muito pequena das estratégias argumentativas que permeiam o texto falado, seja qual for a modalidade. Muito se tem que pesquisar sobre o texto falado, na perspectiva da Teoria dos "Topoi". Mas é preciso salientar que, nas entrevistas, a função argumentativa do "né" e do "eu acho que", embora tenha sido um estudo de casos, permitiu-me algumas reflexões mais gerais acerca do meu objeto de estudo.

- a) O encadeamento argumentativo, no texto falado, é muito mais organizado do que se possa pensar;
- b) É preciso pesquisar mais sobre as estratégias argumentativas utilizadas na fala, uma vez que, do ponto de vista da Teoria dos "Topoi", falamos através de "topoi";

Em relação ao modelo teórico utilizado como suporte para as observações aqui tecidas, a Teoria dos "Topoi", enquanto teoria semântica de interpretação de enunciados ou sentido dos mesmos, é perfeitamente produtiva enquanto instrumento de análise de textos.

Em relação à funcionalidade dos marcadores investigados ("né" e "eu acho que"), a partir dos resultados, constatei que os dois marcadores funcionam como indicadores de "topoi". A função desses marcadores, na perspectiva argumentativa, é a de indicar o ponto de vista a ser atualizado pelo interlocutor, para que este chegue à conclusão visada pelo locutor;

Para finalizar, há que observar que a argumentação não está mais somente nos enunciados, mas também nas palavras, expressões, isto porque a língua, nessa teoria, é fundamentalmente argumentativa. A

argumentação não é mais descrita em nível dos enunciados, mas em nível dos enunciadores, estes é que argumentam, e o texto é visto como essencialmente polifônico - perpassado por vários pontos de vista em confronto.

Referências Bibliográficas

- ANSCOMBRE, J. C. **Théorie de l'argumentation**. "topoi", et structuration discursive. Revue Québécoise de Linguistique, Montréal, 18(1), p.13-56.
- _____. (org.) **Théorie des topoï**. Paris: Kimé, 1995a.
- _____. **Topique or not topique: formes topiques intrinsèques et formes topiques extrinsèques**. Journal of Pragmatics, Paris, v. 24, , p. 115-141, 1995b.
- _____. **La théorie des topoï: sémantique ou rhétorique?**. Hermès, no prelo.
- ANSCOMBRE, J-C, DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevilla e Marta Tordesillas. Madrid:Editorial Gredos S.A., 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Forense-Universitária. Tradução de Problémi poetiki Dostoiévskovo, 1981.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, (original russo de 1929), 1988.
- BRUXELLES, Sylvie, DUCROT, Oswald, RACCAH, Pierre-Yves. **Argumentation and the lexical topical fields**. Journal of Pragmatics, Paris, v. 24, p. 99-114, 1995.
- CAREL, Marion. **L'argumentation dans le discours: argumenter n'est pas justifier**. Letras de Hoje, Porto alegre, v. 32. nº 1, p. 23-40, março, 1997.
- DUCROT, Oswald. **Provar e dizer: linguagem e lógica**. São Paulo: Global Editora, 1981.
- _____. **O dizer e o dito**. Tradução por Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes. Tradução de Le dire et le dit, 1987.
- _____. **Polifonia y argumentacion**. Universidade del Valle - Cali, 1988.
- _____. **Argumentação e "topoi" argumentativos**. In.: GUIMARÃES, Eduardo (org.). História e sentido na linguagem. Campinas: Pontes, p.13-38, 1989.
- _____. **Argumentation et persuasion**. In: MUELDER, Walter de, SCHUEREWEGEN, Franc, TASMOWSKI, Liliane (eds.) Enonciation et parti pris, Amsterdam: Rodopi, p. 143-158, 1992.
- _____. **Topoi e formes topiques**. In ANSCOMBRE, J-C (org.). Théorie des "Topoi". Paris: Kimé, p. 85-99, 1995a.
- _____. **Les modificateurs déréalisants**. Journal of Pragmatics, Paris, v.24, p.145-165, 1995b.
- ESPÍNDOLA, Lucienne C. "**Né**", "**eu acho que**" e "**ai**": **operadores argumentativos do texto falado**. Florianópolis, 188 p. Tese de Doutorado (Linguística Aplicada ao Português) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1998.

- _____. **La pragmatique et l'étude sémantique de la langue.** Letras de Hoje, Porto Alegre, PUCRS, v.32, n.º 1, p.9-21, março, 1997.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **A informatividade como elemento de textualidade.** Letras Hoje, Porto Alegre, PUCRS, 18(2): 13-20, junho, 1985.
- KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e linguagem.** 2ª. São Paulo: Cortes, 1987.
- _____. **Intertextualidade e polifonia um só fenômeno?** Delta, v. 7, n.º2, p.529-541, 1991.
- _____. **A inter-ação pela linguagem.** São Paulo: Contexto, 1992.
- LEVINSON, Stephen. **Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press. cap.6: conversational structure, p. 284 - 370, 1983.
- MOESCHLER, Jacques. **Argumentation et Conversation: éléments pour une analyse pragmatique du discours.** Genève: Hatier-Credif, 1985.
- MOURA, Heronides de Melo. **Teoria dos "topoi": semântica e argumentação.** Delta, v.1 (14), p. 169-183, 1998.
- PARRET, Herman. **Enunciação e Pragmática.** Tradução por Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988
- VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia.** São Paulo: HUCITEC, 1980.